



# MUSEU AO VIVO



MUSEU DO ÍNDIO

Ano III

nº 08

2º Semestre/92

## Funai Define mais uma Área Indígena no Ceará

Foto: Jussara Gomes



Artesã Tremembé e seu trabalho em palha de carnaúba. Pág. 4

**Museu do Índio e Fiocruz Promovem  
no Rio Debate sobre Saúde,  
Desenvolvimento e Povos Indígenas**



*Epidemia entre  
os Tamoió, séc. XVI  
Staden, Viagem  
ao Brasil, 1557  
Pág. 3*

### Combate a Cupins no Museu do Índio

Foto: Lamônica



Corte das árvores atingidas por cupins.  
Pág. 4

## Pensar a história para construir o futuro

\*Carlos Augusto da Rocha Freire

Um mergulho no acervo do Serviço Cine-fotográfico do Museu do Índio certamente ajudaria as sociedades indígenas e seus aliados a se aproximarem de uma época ainda pouco conhecida do indigenismo brasileiro.

Constituído por cerca de 40 mil negativos, o acervo fotográfico possui imagens oriundas dos trabalhos da Comissão Rondon no Mato Grosso e no Amazonas; fotos raríssimas que ilustravam os relatórios das antigas Inspetorias do Serviço de Proteção aos Índios-SPI e quase todo o fundo fotográfico produzido pelos etnólogos e fotógrafos da Seção de Estudos do SPI nos anos 40 e 50. Algumas fotos são valiosas e dramáticas, documentando grupos indígenas considerados extintos.

A diversidade encontrada na formação desse acervo permite a antropólogos, historiadores e pesquisadores em geral empre-

garem as fotografias para desvendar e repensar um período da história indígena e do indigenismo no Brasil.

Ao mesmo tempo, como muitas fotos mostram o contato estabelecido entre as sociedades indígenas e a nacional, os índios e suas lideranças têm à sua disposição um instrumento importante para o conhecimento dessa relação: elas revelam a ação dos militares desbravando territórios indígenas desconhecidos, expõem a presença dos missionários influenciando a cultura indígena e, principalmente, esclarecem o trabalho educativo e "civilizatório" realizado pelos indigenistas do SPI.

Conhecer as várias fases dessa história neste século possibilita o fortalecimento da memória indígena e estimula a conscientização que deve embasar qualquer intervenção esclarecida na política indigenista brasileira.

\*Antropólogo, pesquisador do Museu do Índio.

Foto: autor não identificado



O cacique Vegmon — índio Kaingang do Paraná — foi um dos intérpretes do Serviço de Proteção aos Índios — SPI durante a pacificação dos Kaingang de São Paulo. The tribal chief Vegmon, a Kaingang indian from Paraná, was one of the Indian Protection Service's interpreter at the Kaingang's peace treat in São Paulo.

### Dois momentos na vida dos bororo:

#### Two moments at the Bororo's life:

Foto: autor não identificado



Doutrinados pelos Missionários Salesianos numa colônia indígena estabelecida por estes religiosos no Mato Grosso.

*Indoctrinated Indians in a colony established by Salesian Missionaries in Mato Grosso.*

Foto: Major Thomaz Reis



Índios do Rio São Lourenço ornamentados para um ritual fúnebre. The São Lourenço (Saint Laurence) River Indians ready for a funeral ritual.

No momento, a exposição permanente do Museu do Índio está fechada para reforma. Desde a sua instalação na atual sede, a instituição enfrenta problemas relativos às condições físicas do prédio e ao espaço para execução de suas atividades. A Divisão de Documentação, incluindo os Serviços de Documentação, Biblioteca e Cine-fotográfico, e a Loja Artística mantêm seu atendimento normal ao público.

O Museu do Índio está aberto de segunda a sexta-feira, das 10 às 17h30m.

Although the Document Division, the Library and the Film and Photo services are open to public, the permanent exposition at the Indian Museum is closed in order to be repaired. Since its recent transference to this building, it has suffered with the bad physical conditions of it.

The Indian Museum is open from Monday through Friday, from 10 AM to 5:30 PM.

**USANDO A TRADIÇÃO  
E ABUSANDO DA QUALIDADE**

IMPRESSO

# Em Debate, Saúde Indígena

Realizadas em julho e agosto no auditório do Museu do Índio, as conferências, promovidas, pelo Núcleo de Doenças Endêmicas Samuel Pessoa da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz e Museu do Índio/Funai, possibilitaram a ampliação do conhecimento sobre os problemas de saúde das populações indígenas brasileiras.

A programação continuará até o final do ano.

## Mudanças Sociais e Demográficas Entre os Xavante de Mato Grosso



Foto: Jorge de Carvalho

um padrão de vida semi-nômade, a população apresentava alta taxa de fecundidade, contrapondo-se a uma relativamente baixa taxa de mortalidade infantil. Logo após o estabelecimento de contatos permanentes com a sociedade nacional, em finais da década de 50, este quadro se inverteu, chegando mesmo a comprometer a sobrevivência biológica do grupo. Mais recentemente, as tendências de fecundidade e de mortalidade infantil aproximaram-se do quadro anterior ao contato, resultando em rápido aumento da população.

Entre 1977 e 1990, a população do Rio das Mortes dobrou, passando de 249 para 446 indivíduos. Para este mesmo período, a taxa bruta de natalidade foi de 51,4/1.000 e a taxa bruta de mortalidade foi de 10,2/1.000. A taxa de mortalidade infantil foi de 73,6/1.000, valor que se aproxima da taxa nacional que, atualmente, gira em torno dos 60 por mil. Quanto à fecundidade, a Dra-Flowers chama a atenção para o fato de que todas as mulheres em idade reprodutiva do grupo tiveram pelo menos um filho e que apenas uma teve menos de quatro. A maioria das mulheres tiveram cerca de sete filhos.

Por: Nancy M. Flowers (professora do Departamento de Antropologia da City University of New York)

A Dra. Nancy Flowers apresentou estudo sobre dinâmica populacional dos Xavante, realizado na aldeia Rio das Mortes, Área Indígena Pimentel Barbosa, Mato Grosso. A pesquisadora demonstrou a importância da técnica dos censo repetidos e inquéritos realizados junto às mulheres sobre suas histórias reprodutivas no estudo demográfico de populações indígenas, revelando a ocorrência de mudanças e instabilidades.

Os dados indicam que, antes dos anos 70, quando os Xavante ainda mantinham

## Epidemias Entre os Índios no Brasil: Séculos XVI e XVII



Fern Carlos de Araújo Moreira Neto (antropólogo e diretor do Museu do Índio)

A população indígena, nos dois primeiros séculos de colonização europeia, pode ser debilitada não só às guerras e escravização dos índios, mas, fundamentalmente, às epidemias, provocadas por doenças infecto-contagiosas trazidas pelos europeus, que se mostraram uma forma eficaz de conquista. A esse quadro de violência e tragédia deve-se acrescentar a fome crônica outro fator responsável pela acentuada depopulação.

Das doenças trazidas pelos conquistadores, como varíola, sarampo, tuberculose, tifo, malária, apenas a sífilis e a febre amarela parecem ter originado no continente americano.

O grau de letalidade dessas enfermidades aumentava, em muito, devido ao processo de desorganização da vida tribal que provocava uma situação de penúria e fome.

Doenças consideradas benignas na Europa adquiriram, no novo continente, um caráter devastador. Esses efeitos foram, durante os séculos XVI e XVII, mais letais que a soma

total dos resultados das armas, da religião e da cultura geral dos europeus. A varíola, por exemplo, matou mais índios do que as armas de fogo durante a conquista do México, vitimando cerca de 3,5 milhões de pessoas.

No Brasil, o primeiro grande surto epidêmico de varíola ocorreu em 1562, na Bahia, matando milhares de Tupinambá e ditando séculos inteiros.

Outros surtos epidêmicos aconteceram, em alguns casos provocados pelas próprias jesuítas que, não raro, viraram para o Brasil portando doenças contagiosas como tuberculose ou outro tipo de infecção pulmonar. As cartas dos missionários são registros valiosos não só sobre os métodos usados para a catequese dos índios, mas sobre as doenças contraiadas pelos "convertidos".

As moléstias de caráter venéreo, disseminadas pelo estabelecimento de intercourse sexual livre entre colonizadores e índios, constituíram outro fator de alta mortalidade.

A esse quadro de doenças diversas, de rápida disseminação, associam-se as guerras, seguidas por fome e escorrelho.

Assim, ao final do século XVI a população indígena do litoral brasileiro já havia sido praticamente exterminada. A propagação das epidemias pelo interior foi não menos rápida, atingindo grupos hostis do sertão através de escravos fugidos ou de missionários que com eles mantinham estabelecido contato.

## Doenças Parasitárias em Populações Indígenas



Port Adriano (médico e biólogo da Fiocruz)

Há 14 anos vêm sendo desaevolvidas no Laboratório de Paleoparasitologia da Escola Nacional de Saúde Pública, FIOCRUZ, pesquisas relacionadas ao estado de infecções parasitárias em populações pré-históricas.

O material trabalhado consiste, principalmente, de coprólitos, ou fezes, conservadas pela desidratação natural, retirados de corpos mumificados ou coletados vivos em sítios de ocupação pré-histórica por instituições de arqueologia no Brasil e no exterior. Acompanha o material informações sobre o contexto cultural e ambiental, bem como datações por métodos radioisotópicos. As técnicas de exame de coprólitos para pesquisa de parasitos

são simples e permitem a reconstituição do material, possibilitando o diagnóstico microscópico.

Assim, é possível constatar um quadro de distribuição e dispersão de parasitoses em épocas pré-históricas, bem como de seus hospedeiros, e o impacto que essas doenças tiveram sobre as populações humanas.

A constatação, por exemplo, de ovos e larvas de sarcosomídeos em coprólitos humanos, coletados em Minas Gerais e Piauí, datados pelo radiocarbono de, respectivamente, 2800 anos e 7200 anos, permitiram algumas considerações sobre o povoamento da América. Como a transmissão desse parasito se faz com passagem obrigatória no solo sob temperaturas e umidade adequadas, a infecção foi eliminada entre as populações humanas que seguiram o caminho de Bering, da Ásia em direção às Américas. Explica-se, portanto, a presença da parasitose, em épocas pré-colombianas, por contatos marítimos, principalmente por via transpacífica.

A Paleoparasitologia permite estudos de origem e evolução de doenças parasitárias, situando-as no espaço e no tempo, o que contribui, inclusive, para a compreensão da situação atual das endemias.

## Estado Nutricional e Mudanças Sócio-Econômicas Entre Populações Indígenas na Amazônia



Por: Ricardo Ventura Santos (professor de ENSP/Fiocruz)

Os estudos sobre o estado nutricional das populações indígenas brasileiras são importantes, já que um dos impactos do processo de contato, e subsequentes mudanças sócio-econômicas, reside justamente no abandono parcial, quando não total, das estratégias tradicionais de subsistência, o que pode vir a comprometer o balanço nutricional.

A maioria dos estudos sobre avaliação do estado nutricional de populações indígenas brasileiros baseou-se na coleta de dados antropométricos e avaliação laboratorial, notadamente mensuração dos níveis de hemoglobina. Quanto à análise antropométrica (comumente peso e altura), constitui-se a metodologia mais amplamente utilizada de avaliação do estado nutricional a nível comunitário. Deve-se mencionar ainda que tem havido o interesse por parte de antropólogos e ecólogos em realizar estudos qualitativos e quantitativos sobre a dieta dessas populações.

Apesar das diferentes metodologias empregadas, os resultados dos inquéritos antropométricos são consistentes no sentido de apontar para altas prevalências de baixo estatura para idade e baixo peso para idade em crianças. Há a manutenção, contudo, da proporcionalidade corporal, expressa pelo índice de peso segundo altura. Considerando as recomendações da Organização Mundial da Saúde, tais achados seriam indicativos de endemicidade de desnutrição energética proteica (DEP) crônica na presença de baixos níveis de DEP do tipo aguda. As prevalências de DEP crônica para populações indígenas são superiores às mais elevadas prevalências nacionais. Os resultados apontam ainda para elevadas prevalências de anemia em diversas populações, o que provavelmente deriva da associação entre estas carestas de ferro e parasitismo intestinal.

Estudos realizados entre os Tipit-Mondé de Rondônia e Mato Grosso, conduzidos por pesquisadores da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz, têm ajudado a caracterizar o estado nutricional de algumas comunidades. São grupos que foram contactados nas últimas décadas e cujas estratégias de subsistência têm experimentado profundas modificações devido ao processo de colonização no região. Os resultados indicam altas prevalências de desnutrição proteico-energética crônica (55% contra 15,4% para o Brasil como um todo), assim como de anemia (40%).

# Índios Tremembé de Almofala

Por: Jussara Gomes  
(antropóloga do Museu do Índio)

A Área Indígena Tremembé fica na localidade de Almofala, município de Iguaraçu, Estado do Ceará. Lá vivem, atualmente, 2.247 pessoas. São remanescentes de um dos primeiros povos indígenas do território brasileiro a ter contato com os europeus. Américo Vesputio, acompanhando a esquadra de Vicente Pinau, que percorreu parte do litoral do nordeste do Brasil antes de 1500, descreveu os Tremembé, em uma de suas famosas cartas, como antropófagos e muito aguçados, o que causou grande impacto na Europa de fins do século XV. Naquela época os Tremembé habitavam grande extensão do litoral, que ia do Ceará ao Maranhão.

No início do século XVIII, com sua população já muito reduzida devido ao contato com os europeus, que os matavam, escravizavam e lhes transmitiam doenças antes desconhecidas, os Tremembé foram aldeados por missionários em Almofala, onde se construiu uma igreja. O rei de Portugal doou as terras ao aldeamento. Era uma sesmaria que mediu uma légua em quadra, tendo a igreja como pólo.

A língua dos Tremembé não é mais falada e caiu no esquecimento. Os lingüistas, através do estudo dos poucos vocábulos que ficaram registrados por outros autores, dizem que se trata de uma língua autóctona, não passível de classificação entre uma das famílias e/ou troncos lingüísticos conhecidos. O próprio nome Tremembé não é aquele pelo qual esse povo se autodenominava originalmente. Tudo indica tratar-se de uma determinação dada pelos europeus, devido ao fato de que esses índios viviam em terrenos, tremembés ou tremembés, isto é, plantações ou terrenos alagadiços cobertos de vegetação aquática. De fato, a região de Almofala é constituída, geograficamente, de terras (algumas fixas e muitas móveis), mangues, lagoas e grandes trechos alagados, especialmente nas margens do rio Acauati Mirim e outros

canais d'água. Esses alagadiços são mais acentuados no período chuvoso.

As casas, mexilhões, caranguejos, siris e lagostas, além de diversas espécies de peixes, formam a base da alimentação tradicional dos Tremembé, atualmente enriquecida por produtos agrícolas, tais como feijão, mandioca, milho, etc. Também o coco da baía e o caju (nativo da região) são largamente consumidos.

Hoje, os Tremembé falam português, vivem em casas de taipa, de palha e vestem-se como os demais habitantes não-índios das localidades vizinhas. Entretanto, conservam uma série de características culturais que os une e os identifica enquanto um grupo etnicamente diferenciado.

Na época do caju (de setembro a dezembro) eles fazem uma bebida fermentada com esse fruto, muito apreciada, e chamada de mocororó. É o período do ano em que mais "belocam" (como dizem) o tororim, sua dança típica, sempre acompanhada de mocororó.

Seu artesanato é constituído de objetos utilitários em cerâmica e em palha (de tabuba e de carnaúba), assim como de adornos de conchas, búzios, sementes, bambu e vértices de peixes. Também tecem o algodão. No passado, confeccionavam machados de pedra em forma de âncoras, utilizados nas garras, e candelários de cerâmica, entre outros artefatos, que caíram em desuso em consequência do contato com os colonizadores e da gradual adoção dos novos costumes introduzidos.

Estiveram recentemente em Almofala coordenando o grupo técnico criado pelo presidente da FUNAI para identificar e delimitar a Área Tremembé, passo inicial no processo de regularização dessas terras, com 4.900 ha, e de onde terão que sair os não-índios que se apropriaram indevidamente de enormes parcelas.

A população Tremembé atual supera em muito as 2.247 pessoas acima referidas. Grande número de habitantes da área, nos últimos anos, mudou-se para outras localidades do Ceará e do Maranhão em busca de melhores condições de vida, dada a precária situação.

## 21 Grandes Colaboradores do Museu do Índio

O Museu do Índio agradece o apoio de empresas privadas e órgãos governamentais ao projeto de revitalização da instituição. Precisamos que muitos outros amigos se juntem a nós.

- |                              |                            |
|------------------------------|----------------------------|
| • Cardriver                  | • Imprensa da Cidade       |
| • Comlurb                    | • JAP                      |
| • Corpo de Bombeiros         | • Audiovisual e Cinemas    |
| • Citar                      | • Jumbell Tintas           |
| • Defesa Civil               | • Leão Júnior (Matte Leão) |
| • Descarregadores Cacique    | • Light                    |
| • Dowlatão                   | • Microserviço             |
| • Fábrica de Tecidos Baagu   | • Mills Equipamentos       |
| • Focam                      | • Plantar                  |
| • Filipemom Papéis Especiais | • Texaco                   |
| • Forte Capatubana           | • Vale do Rio Doce         |
| • Furnas Centrais Elétricas  |                            |

Conforme determinação da Organização das Nações Unidas - ONU, o ano de 1993 está dedicado a todos os povos indígenas do mundo, chamando a atenção da comunidade internacional para estes grupos que "são os mais vulneráveis e esquecidos do planeta".

O objetivo do encontro é fortalecer a cooperação mundial para resolver os problemas que as comunidades indígenas enfrentam em relação ao meio ambiente, desenvolvimento, educação, saúde e direitos humanos.

Mais informações: Departamento de Informação Pública/Room 5. 1040/Nações Unidas/New York, NY 10017/EUA.

## DESTAQUE

### FEEMA Descupiniza Museu do Índio

Por: Cristina Botelho

O casarão do século passado, onde está instalado, desde 1978, na Rua das Palmeiras nº 55, em Botafogo, o Museu do Índio, começa a ser descupinizado. A instituição, detentora de um dos mais importantes acervos etnográficos da América Latina, assinou, em setembro deste ano, convênio de cooperação técnica com a Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente - FEEMA que executa o serviço.

Fechado desde o último mês de abril, quando começaram as obras de recuperação do telhado, o Museu do Índio, através da colaboração de entidades públicas e privadas, deverá ser reaberto ao público no

início do próximo ano como parte das programações para o Ano Internacional dos Povos Indígenas.

Paralelamente, o Museu do Índio continua desenvolvendo atividades na área de publicações, microfilmagem de obras raras junto a centros de pesquisa sediados no Rio de Janeiro, organização de conferências, participação em exposições de temática indígena em outras instituições, além de manter o atendimento a pesquisadores através dos seus serviços técnicos como Documentação, Fotografia e Cinema.

Além da situação precária do prédio central, várias árvores estão coroadas pelo cupim, podendo desabar a qualquer momento. O Corpo de Bombeiros já está providenciando o corte das mais atingidas. O jardim do Museu do Índio é bastante frequentado pelo público estudantil e pela comunidade do bairro.

## Divisão de Etnologia do Museu do Índio Sistematiza Acervo Parintintin

Foto: Gavetti Moreira



Cesto tradicional Parintintin (AM)

Oferecer ao público informações sistematizadas a respeito dos grupos indígenas brasileiros é o objetivo do projeto "Imagens, Formas e Palavras: A Etnografia de um Acervo", desenvolvido pela Divisão de Etnologia e Lingüística do Museu do Índio. Os Parintintin, sociedade indígena escolhida para iniciar os trabalhos, habitam a região do médio Madeira (AM).

A pesquisa, em fase de levantamento das coleções de peças, documentos e fotos sobre o grupo nesta instituição e no Museu Nacional, pretende ainda, a partir da sistematização e análise dos dados obtidos, elaborar mostra e publicação sobre os Parintintin.

## Museu do Índio Reedita Boletim Científico

O Boletim do Museu do Índio volta a circular com texto da lingüista Lucy Sekl, da Universidade de Campinas - Unicamp, sobre os índios Botocudo do Vale do Rio Doce.

A publicação teve início em 1974. Em sua nova fase, reúne a contribuição de especialistas do Museu do Índio e de colabo-

radores externos nas áreas de Etnologia, Etno-História, Documentação, Indigenismo, Museologia e Lingüística em série bilingüe.

A edição desse Boletim contou com o apoio da Filipemom Papéis Especiais e Imprensa da Cidade.

## IMPRESSO